

1997- Museu de Carenque, Enquadramento da programação museológica, **Boletim da APOM**, nº 5

O “Museu de Carenque” (Pego Longo) Sintra Enquadramento da programação museológica

Prof. Doutor Mário C. Moutinho. MNHN

O chamado *Museu de Carenque* ou *Museu das Pegadas dos dinossáurios* como correntemente é denominado, tem mobilizado a atenção de vastos sectores da sociedade portuguesa e internacional desde o momento em que a construção da CREL colocou em perigo a espectacular ocorrência paleontológica descoberta pelos geólogos Carlos Coke e Paulo Brandão. O seu estudo revelou um conjunto de pegadas de dinossáurios do Cretácico superior onde a pista principal com 127 metros de extensão que foi produzida por um animal bípede é a mais longa conhecida até ao momento na Europa ou em qualquer parte do mundo, pelo que por si só representam um enorme potencial de atracção científica, pedagógica e turística (1).

Do longo processo que então se começou e do qual dá conta o livro de Professor Galopim de Carvalho **Dinossáurios e a Batalha de Carenque**, (2) resultou a preservação do sitio através da construção de dois túneis, marcados na sua entrada e saída por uma feliz intervenção escultórica da iniciativa da Brisa e por onde passa agora a autoestrada, exactamente sob a trilha principal.

Este processo não pode no entanto ser separado de outras intervenções do MNHN, como seja a valorização das ocorrências geológicas **Geomonumentos** (que também são parte do património da cidade) e que testemunham da história dos últimos dez mil séculos do sitio de Lisboa. (Av. Infante Santo, Rua Fialho de Almeida, Calçada de Carriche, Av. Calouste Gulbenkian etc..)

No mesmo contexto podemos falar das pegadas de saurópodes deixadas no Jurássico superior na Baía dos Lagosteiros - Cabo Espichel (3) e das pistas também de Saurópodes com pegadas que atingem um metro de comprimento, descobertas na Pedreira do Galinha perto de Fátima (4). Todos estes sitios foram alias recentemente classificados.

O cuidado posto por esta instituição museológica na preservação e valorização do património natural só pode ser entendido na sua verdadeira complexidade, se tomarmos em consideração por um lado, a postura do MNHN e por outro lado, a própria conceitualização museológica que tem orientado a equipa de programação para o sítio de Carenque.

Sobre a primeira questão citemos um texto produzido pelo próprio Museu e através do qual nos apercebemos que o museu tem uma posição sobre o lugar que pretende ocupar na sociedade contemporânea (coisa rara nos Museus e nos tempos que correm, onde julgamos começar a vislumbrar uma espécie de neo-liberalismo museológico, cerceante do direito ao pensamento) “O museu participa das relações de interdependência presentes na cadeia Terra Ciência, Sociedade. Integra em contexto social a produção de conhecimento científico sobre a Terra articulada com a sua divulgação generalizada junto dos cidadãos, que em última análise alimentam a sua actividade, propondo, na sequência do conhecimento que divulga, uma relação de harmonia da sociedade com a natureza e de identificação do homem com o seu meio, No quadro desta proposta Ciência e Sociedade dispõem de uma sede de debate no espaço Museu, sobre a gestão e utilização do Património Natural que herdamos e do qual também fazemos parte.

A adequação do MNHN da Universidade de Lisboa a este conceito de instituição, comprometida com uma ideia de Desenvolvimento, passa pela sediação de projectos de investigação (...). Passa pela divulgação da história da Terra e da Vida e dos seus mecanismos de funcionamento, através do discurso museográfico que lhe é próprio e dirigido aos diferentes públicos e grupos sociais que procura abordar. Passa ainda pela avaliação,... das suas realizações e do seu impacto social onde se incluem o sentido social da investigação, as exposições, as conferências, os cursos de formação, os debates e, finalmente a reflexão permanente sobre o seu papel social e os movimentos que inspire ou ajude a alimentar” (5).

Sobre a segunda questão - a própria conceitualização museológica que tem orientado a equipa de programação para o sítio de Carenque devemos reconhecer que o embasamento teórico dessa programação mais não é que uma resposta ou mesmo apenas uma leitura possível de um conjunto de documentos recentemente agrupados e editados pelo Comité Brasileiro do ICOM (6). Falamos dos textos seguintes:

- Conclusões do seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, Rio de Janeiro, 1958,
- Mesa Redonda de Santiago do Chile, 1972
- Declaração de Quebec, 1984
- Declaração de Caracas, 1992

Estes documentos que são marcos fundamentais para o entendimento da museologia que pretenda ser contemporânea do seu próprio tempo, permitem-nos pensar a função social do museu sem o peso, quantas vezes esmagador, da museologia que se limita aos próprios limites do museu e que mais não quer ser que uma *“instituição distante, aristocrática, olimpiana, obcecada em apropriar-se dos objectos para fins taxonómicos”* como sintetizou o Director Geral da UNESCO, Frederic Mayor, na abertura da XV Conferência Geral do ICOM.

Assim o Museu de Carenque foi entendido como uma instituição prestadora de serviços, que deverá fundamentar a estruturação do seu programa museológico, na definição dos **serviços**, que razoavelmente possa prestar com utilidade e com sucesso.

Com base nesse conjunto de serviços, e só após esclarecido o conteúdo e limites de cada serviço, se pode então definir a **organização funcional** correspondente mais adequada. O projecto arquitectónico resulta destes dados e permite em simultâneo por em valor os recursos específicos do sítio de Carenque. De forma resumida indicamos agora os serviços que foram identificados, as linhas gerais da organização funcional do Museu e os recursos específicos do sítio de Carenque, integrados no projecto de arquitectura.

SERVIÇOS QUE O MUSEU FORNECE

1. -Serviço de Exposições

Deverão ser considerados quatro tipos de exposição:

a)- Exposição permanente

A exposição permanente poderá por um lado dar conta dos recursos do museu, e apresentar os elementos introdutórios ao entendimento global do núcleo: Pegarium, musealização do corte e da plataforma, monumento megalítico, jardins, observatório

b)- Exposições temporárias

As exposições temporárias terão prioritariamente por objectivo contribuir para o esclarecimento e reflexão sobre problemas da actualidade.

c)- Exposições itinerantes

Sobre as exposições itinerantes poderiam ser considerados os seguintes tipos:

-Adaptação e síntese de exposições temporárias.

-Exposições temáticas criadas por iniciativa própria ou por solicitação.

-Maletas pedagógicas para empréstimo aos estabelecimentos de ensino.

-Exposições descartáveis para oferta.

d)- Acolhimento de exposições

O programa expositivo do museu poderá integrar exposições produzidas por outras instituições que se integrem na planificação geral, ou que traduzam a colaboração com outras entidades. Universidades, Ministérios, Conselho da Europa, outros Museus...

2. - Serviço de Património

Este serviço terá por finalidade a inventariação e estudo do património geológico, arqueológico,... existente na região. Os elementos recolhidos serão disponibilizados ao público, por acesso aos ficheiros, aos documentos, a bases de dados informatizadas e através de programa editorial.

3. - Serviço de Informação museológica

Este serviço terá por finalidade criar e manter um inventário sobre instituições museológicas afins, nacionais e estrangeiras. Os elementos recolhidos serão disponibilizados ao público, por acesso aos ficheiros, a bases de dados informatizadas, através de programa editorial e pela organização de viagens de turismo cultural.

4. - Serviço de Consultoria exterior

Este serviço terá por finalidade disponibilizar um conjunto de competências profissionais em áreas a definir, capazes de produzir pareceres e elaborar estudos a solicitação exterior ou para serviço da entidade promotora. Funcionará por comissões, podendo ser criadas desde início

- Comissão de avaliação patrimonial

- Comissão de aconselhamento arquitectónico

5. - Serviço de Extensão escolar

Dada a importância que a componente escolar tem em ou deverá ter em qualquer programação museológica este serviço terá por função a planificação, animação e aprofundamento da relação do museu com a comunidade escolar- primário secundário e superior.

6. - Serviço de Extensão comunitária

Este serviço tem por objectivos aprofundar a relação do museu com o meio, acolhendo iniciativas exteriores, respondendo a solicitações, disponibilizando espaços, promovendo formação e apoio a outras instituições museológicas em particular da região.

ORGANIZAÇÃO FUNCIONAL

Por forma a permitir a boa prestação dos diferentes serviços mencionados deverão ser criados cinco departamentos:

-Departamento de acervo

Ocupa-se do acervo do museu, inventariação, conservação e estudo básico das colecções.

- Departamento de Museografia

Executa as exposições do museu, acolhe as exposições exteriores, dispendo para tal de meios técnicos adequados: oficinas de carpintaria, electricidade, pintura, electrónica, robótica...

-Departamento de Imagem

Faz o acompanhamento, avaliação e promoção das relações com o exterior. Cuida da imagem do museu e define e executa as acções necessárias.

-Departamento Comercial

Assegura o funcionamento do restaurante, cafetaria, loja livraria do museu e editora. Define e aplica a política de preços.

Recursos físicos de Carenque e programa arquitectónico

A- Pegarium

Estrutura transparente ligeira, cobrindo as pistas com as pegadas assente na lagem inclinada (6º) de forma a que seja notada a deformação tectónica que basculou os terrenos ao longo dos últimos milhões de anos

(inicialmente horizontal). Um mastro solidário com a mesma estrutura acentua o efeito pretendido.

B- Plataforma

Espaço posto a descoberto pela pedreira e que dá conta dos movimentos do terreno.

C- Corte

Corte que apresenta uma estratigrafia do terreno.

D- Jardim botânico e de lazer

Espécies vegetais e faunísticas adequadas (existentes na era dos dinossauros), mobiliário de lazer.

E- Monumento megalítico

Musealização da anta a poente do conjunto.

F- Jardim dos minerais

Inventário de minerais da região e estatuária. Exemplos convenientemente escolhidos para exemplificação do substrato geológico local com particular incidência na petrografia da serra de Sintra. O recurso à estatuária e a arte da cantaria será insistentemente procurado.

G- Edifício principal

Construção com um piso térreo geral e outro recuado, no nível superior. Acabamentos em pedra da região. Acolhimento, exposições, administração, espaços polivalentes, reservas, oficinas ...

H- Observatório a *olho nu*

Observatório segundo o conceito elaborado pelo Prof. Márcio d'Olne Campos da Universidade de Campinas. Estrutura fixa a instalar no terraço superior permitindo e orientando a observação astronómica e a descoberta do espaço envolvente. Acessibilidade pelo exterior permanente.

I- Percorso subterrâneo

Corresponde a um túnel de ligação entre o pegarium e o edifício principal desembocando num poço escavado na rocha permitindo a observação directa e próxima dos mais marcantes aspectos litológicos, paleontológicos e estruturais do substrato local (7).

Desta forma tem vindo a ser progressivamente pensado o programa museológico para o sítio de Carenque, procurando conjugar os dados de base do sítio, a teoria museológica contemporânea e o projecto de intervenção social do Museu Nacional de História Natural.

(1) The longest dinosaur trackway in the world? Interpretations of Cretaceous footprints from Carenque, near Lisbon, Portugal., Vanda F Santos, Martin G. Lockley, Joaquín Mortalla e A.M. Galopim de Carvalho, *Gaia*, nº5, 1992, pp. 18-27.

(2) A.M. Galopim de Carvalho, *Dinossáurios e a Batalha de Carenque*, Editorial Notícias, Lisboa, 1994.

(3) Trackway evidence for a herd of juvenile sauropods from the late Jurassic of Portugal, Martin G. Lockley, Christian A. Meyer e Vanda F. Santos, *Gaia*, nº 10, 1994, pp. 27-35.

(4) (A new sauropod tracksite from the middle Jurassic of Portugal, Vanda F. Santos, Martin G. Lockley, Christian A. Meyer, João Carvalho, Joaquín Mortalla e A.M. Galopim de Carvalho, *Gaia*, nº10, 1994, pp. 5-13.

(5) Divulgação em Geologia e Cidadania, L. Povoas, C. Lopes, F.J. Moreira e A. M. Galopim de Carvalho, *Memória nº4*, Universidade do Porto, 1995, pp. 203-208.

(6) A memória do pensamento museológico contemporâneo, documentos e depoimentos, org. de Marcelo M. Araújo e Cristina O. Bruno, São Paulo, 1995.

(7) O museu de Carenque na óptica do Museu Nacional de História Natural, *Ciência Viva*, nº 5, 1995, Universidade de Lisboa, pp.4-5.)